

## “Vim da terra, sou da terra e quero continuar da terra”: a experiência ficcional de retorno ao engenho nos relatos de viagem de José Lins do Rego (1952-1957)

**Diego José Fernandes Freire\***

Instituto Federal da Paraíba  
Catolé do Rocha, Paraíba, Brasil

**Recebido em:** 08 abr. 2024

**Aprovado em:** 13 jun. 2024

**Publicado em:** 30 abr. 2025

### Resumo

O corrente ensaio almeja analisar dois relatos de viagem do renomado escritor paraibano José Lins do Rego (1901-1957). A partir da análise destes documentos, discute-se a experiência de regresso ao engenho, tal qual ficcionada pelo referido literato que, em diversos momentos de sua vida, praticou este tipo de viagem. A reflexão proposta encaminha a discussão para interrogar a respeito de como a viagem, realizada em termos físicos e ficcionais, constrói determinados sentidos para a espacialidade revisitada – o engenho familiar – e para a própria prática excursionista. Nesse sentido, ao longo de quatro seções, demonstra-se a viagem de retorno ao engenho de José Lins como uma experiência poética, isto é, como uma prática que deve articular tanto a história como a ficção.

**Palavras-chave:** José Lins do Rego. Viagem de Retorno ao Engenho. Ficção e História.

\* Professor do Instituto Federal da Paraíba, Campus Catolé do Rocha. Doutor, Mestre e Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: diego5739@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-7651-5164>

 <http://lattes.cnpq.br/7824839450030326>

## “I came from the land, I am of the land, and I want to continue on the land”: the fictional experience of returning to the sugarcane plantation in the travel accounts of José Lins do Rego (1952-1957)

**Diego José Fernandes Freire\***

Federal Institute of Paraíba  
Catole do Rocha, Paraíba, Brazil

---

**Received:** 08<sup>th</sup> Apr. 2024

**Approved:** 13<sup>th</sup> June 2024

**Published:** 30<sup>th</sup> Apr. 2025

### Abstract

The current essay aims to analyze two travel accounts by the renowned writer from Paraíba, José Lins do Rego (1901-1957). Based on the analysis of these documents, the experience of returning to the sugarcane plantation, as fictionalized by the literary figure who frequently undertook such journeys throughout his life, is discussed. The proposed reflection leads to an inquiry into how the physical and fictionalized journeys construct certain meanings for the revisited spatiality – the familiar plantation – and for the act of excursion itself. Thus, throughout four sections, the essay demonstrates José Lins' journey back to the plantation as a poetic experience, that is, as a practice that must intertwine both history and fiction.

**Keywords:** José Lins do Rego. Journey Back to the Sugarcane Plantation. Fiction and History.

---

\* Professor at Federal Institute of Paraíba. PhD, MA and BA in History from Federal University do Rio Grande do Sul. Email: diego5739@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-7651-5164>

 <http://lattes.cnpq.br/7824839450030326>

## Tal viagem, qual poética?

*Literatura e história não podem traçar fronteiras quietas, mas sim encruzilhadas estranhas.*

Antônio Paulo Rezende (2010, p. 138).

*Fogo Morto*, décimo romance de José Lins do Rego e o mais conhecido de sua obra literária, traz um elemento muito apontado mas pouco discutido pelos seus críticos e estudiosos: o retorno literário à paisagem canavieira. De 1936 até 1943, durante quase dez anos, o escritor paraibano nascido em 1901 afastou-se poeticamente do ambiente açucareiro que lhe consagrou como romancista. Não à toa, o seu conjunto inicial de romances mais famosos foi denominado de “ciclo da cana-de-açúcar”, perfazendo os livros *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943). Com exceção do segundo, todos como que se passam totalmente na zona canavieira (Chaguri, 2009).

Com *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939) e *Água Mãe* (1941) observamos uma incursão literária em outras paisagens, a composição de outros cenários, como a estação ferroviária, a vila litorânea de pescadores, o sertão nordestino, a cidade do Rio de Janeiro e até uma pequena cidade da Suécia. Em quatro romances consecutivos, portanto, houve uma espécie de desvio literário do ambiente nordestino adocicado dos canaviais, em especial daquele ligado ao engenho açucareiro.

Para Luciano Trigo (2002, p. 247), tal fuga de José Lins da ambientação açucareira ocorreu em razão do romancista querer ampliar e variar sua obra literária, muito identificada ao cenário dos banguês.<sup>1</sup> Compendo romances em novos espaços, era como se José Lins rebatesse as críticas de que era um escritor limitado unicamente ao universo dos engenhos, como chegaram inclusive a apontar alguns críticos literários da época. Interessante explicitarmos que esse retorno à paisagem açucareira que *Fogo Morto* empreendeu encontra paralelo na própria vida de José Lins, homem que sempre retornou aos engenhos, tal qual alguns dos seus personagens literários, tais como Carlos de Melo, o neto do senhor de engenho que volta ao Santa Rosa já bacharel em Direito, imortalizado nas páginas do romance de 1934, denominado *Banguê*.

O escritor paraibano, desde quando se ausentou do Corredor – seu engenho familiar – durante a adolescência, adotou o costume de regressar a tal espacialidade. Quando estava na escola em Itabaiana - PB (1909-1912) e no Recife, mais precisamente na Faculdade de Direito,

---

1 Embora não signifique exatamente engenho, dada as diferenças de força motriz (humana, animal e vapor) tomaremos tais palavras como sinônimos, por entendermos que tal distinção não implicaria em alterações substantivas na argumentação do texto.

entre os anos de 1915-1923, o engenho permanecia como o lugar especial onde passava as férias, onde se refugiava da vida urbana frenética. Quando foi residir longe de seu espaço preferido, também não deixou de retornar ao engenho da parentela. Em Maceió, na virada dos anos 1920-1930, o romancista não deixou de visitar a terra dos seus parentes. No Rio de Janeiro dos anos 1940, o mesmo também ocorreu. José Lins, mesmo morando longe, mesmo residindo na zona urbana, mesmo habitando o palco da modernidade, representado por diversas capitais do país, não abandonou seu engenho de origem familiar, realizando inúmeras viagens de retorno à terra que lhe viu nascer e crescer (Hollanda, 2012, p. 271-283).

Da vida para à literatura, este mesmo retorno ao engenho pode ser igualmente percebido através da última obra literária do escritor nordestino: *Meus verdes anos*, publicado em 1956. Dedicada ao seu neto, José Lins do Rego encerrou sua carreira literária com uma autobiografia da infância. Mais uma vez, esta temporalidade apareceu em sua escrita, 24 anos após *Menino de engenho*, romance de caráter memorialístico que reconstruiu a meninice banguzeira do personagem Carlinhos. O livro de 1956 relembra de forma clara e nostálgica os "verdes anos" do autor, os dias líricos em que José Lins era ainda um menino de engenho que vivia na companhia de seu avô, tias, tios e negras. Com uma narrativa simples, direta e saudosa, José Lins do Rego pôs novamente no papel suas recordações pueris; lembranças do engenho de Bubu (seu avô), das primas e tias, do rio, das brincadeiras infantis e dos animais domésticos.

A constante volta à infância e ao mundo açucareiro não passou imune pela crítica literária da época. Osmar Pimentel, resenhando *Meus verdes anos*, colocou em dúvida a necessidade do livro recém publicado. Seu artigo, estampado no jornal *Folha da Manhã* de 26 de agosto de 1956, iniciou com o seguinte questionamento: "por que haveria o escritor de redigir, como cronista, o que já escrevera como romancista? Não iria ele chover no molhado, com a possibilidade de perder-se, literariamente, nos sedutores, mas perigosos caminhos da repetição temática?" (Coutinho, 1990, p. 469). Da dúvida inicial, o crítico passou para a certeza, concluindo que o livro de memórias de Zé Lins foi "um equívoco bibliográfico" (*Idem*). Não raro, a acusação de escritor repetitivo, não original e monotemático, pairou sobre a obra literária de José Lins do Rego.

Todavia, para além destes julgamentos, como podemos pensar este constante retorno realizado não em um tempo cíclico, mas sim em uma conjuntura temporal retilínea profundamente acelerada, como era a realidade brasileira dos anos desenvolvimentistas de 1950 (Guimarães, 2017)? O que significa voltar à terra de origem? De que maneira a experiência do regresso transforma-se em matéria-prima para a escrita ficcional? Em uma palavra: como se poetiza a viagem de retorno a uma espacialidade da tenra idade? Como se vê, a problemática da imaginação e da historicidade está no centro do corrente ensaio. Longe de querer opor tais termos, reatualizando a clássica dicotomia entre poesia x realidade ou imaginação x história (Starobinski, 1976), pretendemos conjugar estas categorias, tencionando discuti-las a partir de um escritor específico, o qual empreendeu diversas viagens de retorno ao espaço familiar, escolhido justamente por oferecer importantes possibilidades

de problematizar a relação entre arte e vida, ficção e mundo (Barthes, 1991).

A viagem e o seu relato decorrente são entendidos na chave da *poiesis*, isto é, como atos simbólicos produtores de significado ante ao mundo observado e vivido (Geertz, 1989, p. 135-149). Sem se reduzir a este, conforme ocorre com a ideia de *mimêsis*, a poética da viagem faz também da linguagem *instituída, instituinte*, na medida em que cria novas realidades, ampliando – ou por vezes deformando – o que se entende por real (Castoriadis, 1995). Não à toa, como é notório, Aristóteles (1999) colocou a arte poética no campo do possível, daquilo que pode ser diferente, logo contingente, ao contrário da história e da filosofia.

Como bem apontou Antoine Compagnon (2010, p. 102), na noção de poética “o que interessa é o arranjo narrativo dos fatos em história”, quebrando, pois, a tradicional dicotomia entre *res factae* e *res fictae*. Desde os antigos, há um vínculo forte entre viagem e narração, base do “eu vi” de rapsodos gregos como Heródoto que tentavam convencer sua audiência (Hartog, 1999). A viagem, que significativamente nos tempos modernos transformou-se em gênero literário, inclusive participando da fundação da própria ideia de modernidade, atesta bem a articulação entre o mundo e a palavra, a realidade e o texto (Sussekind, 2000). Estetizando o que vê diante de si, o viajante realiza sua experiência poética de conhecer a realidade (Pinto, 2020, p. 31). Por isso é bastante comum encontrar escritores tecendo relatos de viagem. Esta, convocando a imaginação, enseja um trabalho narrativo, para o qual, não raro, intelectuais entregam-se avidamente (Lira, 2005).<sup>2</sup>

Nesse sentido, pretendemos discutir neste ensaio a experiência ficcional de retorno ao engenho que José Lins do Rego realizou praticamente durante toda a sua vida. Para tal, selecionamos dois relatos de viagem, escritos quando o literato morava no Rio de Janeiro, a cidade do progresso, a capital da civilização brasileira no início da segunda metade do século XX. O primeiro foi denominado de *Nordestinas* e o segundo de *Uma viagem sentimental*. Ambos foram incorporados aos livros *Bota de sete léguas* (1952) e *Gregos e Troianos* (1957), respectivamente. Essas duas obras dos anos 1950, quando seu autor já alcançara mais de meio século de vida, trazem diversos relatos do viajante José Lins do Rego.<sup>3</sup> São crônicas que descrevem cidades da França e da Inglaterra, que descortinam paisagens de Israel, da Grécia e da Suécia. Há também referências a países como Alemanha, Finlândia e Portugal. Pouco se tem de descrição de regiões do Brasil, o que faz dos livros ora em apreço relatos de viagens sobre terras internacionais.

---

2 Grandes nomes da literatura escreveram relatos de viagem. Para citar alguns nomes nacionais, têm-se: José de Alencar, Gonçalves Dias, Francisco Adolfo Varnhagen, Alberto Rangel, Mário de Andrade, Raul Bopp, Erico Veríssimo, Sergio Buarque de Holanda, entre diversos outros (Lira, 2005; Sagueiro, 2002). A própria escrita, significativamente, costuma ser pensada como uma viagem (Sartre, 2004, p. 9-30).

3 Além desses dois livros de viagem, Zé Lins escreveu também um terceiro, denominado *Roteiro de Israel* (1955), fruto de uma viagem que fez a este país, após a criação de seu Estado em 1948. É possível colher impressões de viagem à Argentina em *Conferências no Prata* (1946). Toda essa escrita excursionista de José Lins ainda não foi merecidamente abordada pela fortuna crítica do autor, situação que vem mudando nos últimos anos a partir do trabalho de Matos (2020).

No entanto, em meio a estas alteridades nacionais, José Lins inseriu suas terras da infância, dando a elas ares especiais, como se tais espacialidades não pudessem ficar de fora da lista dos lugares visitados e descritos pelo autor ao longo de sua vida. Cumpre, pois, refletir sobre estas remissões, tendo em mente as questões levantadas mais acima, as quais encaminham a discussão para uma análise a respeito da experiência ficcional de regresso ao engenho, tal qual delineada por um romancista já consagrado.

Se a viagem costuma relacionar-se ao desconhecido, ao novo, conforme costuma colocar a tradição romântica (Cardoso, 1988; Gusdorf, 1993), a situação a ser problematizada aqui, todavia, é sensivelmente diferente: trata-se de interrogar a experiência, ficcionalmente elaborada, de regresso ao já visto, ao já conhecido, ao que já se teve diante dos olhos e ao que já se viveu. O que pode ser poeticamente elaborado aí, após tal revisitação? Que engenho pode-se entrever nesta poética do regresso? Tais são as questões orientadoras do presente artigo.

## **Engenho da viagem, engenho da saudade**

*As coisas acontecem ao revés: a literatura constrói a experiência.*

Ricardo Piglia (2017, p. 89).

A nota comum aos dois relatos de viagem de retorno ao engenho é a saudade do banguê familiar, tal qual aparece no chamado "ciclo da cana-de-açúcar". Tratam-se de textos passadistas, eivados de um desejo nostálgico pelo retorno do mundo rural dos senhores de engenho. O retorno ao espaço realizado por José Lins é acompanhado de um mergulho no tempo da infância banguzeira. Acompanhemos um trecho de um destes relatos:

Vim encontrar a Paraíba em paz, com as praias ainda com veranistas de pijamas, à sombra dos coqueirais, e alguns engenhos a moer as últimas canas. [...] Mesmo assim, sobrou-me o Itapuá, moendo o bastante para contentar as minhas saudades de 'menino de engenho' (Rego, 1952, p. 115).

Temos acima o relato de uma visita a um engenho de um tio de José Lins, engenho esse ao qual, quando criança e adolescente, dirigiu-se várias vezes, pois ficava perto do Corredor. Itapuá é retratado como um engenho sobrevivente, dado o processo de industrialização existente no meio rural (Eisenberg, 1977). Ele era a joia que resistiu ao processo de ruína dos engenhos e que permitiu ao viajante José Lins dar vazão a sua saudade do engenho. Revisitando o Itapuá *in loco*, volta-se a identidade, a lembrança, a imagem de um menino de engenho que, mesmo adulto, não esqueceu o local onde se deu sua infância rural.

Em seguida, o relato prosseguiu mostrando uma espécie de ressurreição do tempo

perdido, dado pelo encontro com Itapuá. José Lins viajante evocou o tempo e o espaço de sua infância:

O cheiro da bagaceira, a fumaça doce da "casa de caldeiras", o gemer dos carros de boi, deram-me um tempo perdido em corpo inteiro. Senti-me do passado, dos tempos do meu avô, como se fosse o Dedé. [...] Entre dormindo e acordado, tudo se passou como se estivesse no "Corredor" do velho José Lins. O barulho do curral era o mesmo, mesmas as vozes que escutava naquele amanhecer de janeiro sem chuvas. Já ouvira o moer do engenho, o bater compassado da roda preguiçosa. Não quis fugir dos lençóis para o leite ao pé da vaca, para que mais demorasse o sonho acordado. Passou-me pela calçada alguém que batia forte no chão. E meu avô chegou-me para fixar-se cada vez mais na saudade do cronista piegas (Rego, 1952, p. 115).

Visitando as terras familiares, por onde correu quando menino, o autor das palavras acima rememorou não só o engenho, como, por momentos, também recordou aquela pessoa que o personificava: o senhor de engenho, o avô materno de José Lins, o coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque (Hollanda, 2012, p. 19).

O grande personagem másculo do "ciclo da cana-de-açúcar", o avô patriarca, compareceu fortemente na evocação saudosa. A saudade do engenho foi tal que produziu brevemente o apagamento da diferença entre passado e presente, mostrando-se como duas temporalidades juntas, unidas, corporificadas no tempo da lembrança saudosa. A memória nostálgica, como metaforizou Paul Ricoeur (2007, p. 503), "igualava os fios do tempo", une por um instante com um nó firme o presente e o pretérito, tal qual fez José Lins do Rego. Sua obra literária foi fruto, inclusive, deste entrelaçamento temporal, radicalizado em sua poética da viagem de retorno ao engenho.

A passagem destacada mais acima nos incita a pensarmos sobre o tempo da saudade. A temporalidade deste sentimento parece consistir em um tempo mais alongado, moroso, lento. E mais: parece ser também um tempo instável, incerto, que a qualquer momento pode ser abreviado. Sensação fugidia, um tanto quanto inesperada, a saudade lembra a experiência do sonho, na medida em que através dela o desejo pode se tornar realidade. Além disso, tal qual na experiência onírica, é difícil distinguir o real e o imaginário, a realidade e a fantasia, a história e a fabulação (Rodrigues, 2020). Daí porque no relato do viajante em tela pululam "confusões" entre personagens da sua vida real e de sua obra literária. Na escrita da viagem de retorno ao banguê, mundos reais e ficcionais combinam-se.

Em José Lins, esta imbricação histórico-ficcional materializou seus anseios de presentificação do universo canavieiro, fez aparecer aquelas criaturas do engenho de que tanto sentia saudade. Este sentimento, pulsando forte no visitante, enformando tanto suas visitas quanto seus relatos de viagem, cristalizou no espaço suas lembranças da infância. Como ressaltou Gaston Bachelard (1993), os espaços são instrumentos essenciais para a retenção do

tempo, para a própria percepção da temporalidade. Espaço e tempo formam categorias intercambiáveis (*Ibidem*, p. 36-39), e o relato de viagem de José Lins, associando engenho e infância, atesta bem essa relação dialética. Logo, a viagem, elaborada poeticamente, ocorre tanto no espaço como no tempo.

O relato dessas viagens de regresso ao engenho atualizou uma imagem já instituída por boa parte dos discursos vinculados à chamada "literatura de engenho" (Freire, 2015).<sup>4</sup> Trata-se do banguê como "espaço da saudade" (Albuquerque Jr., 2009, p. 78-207). Essa "dizibilidade" e "visibilidade" (Deleuze, 1988, p. 68)<sup>5</sup> é um traço recorrente dos textos de José Lins, em especial, mais do que de qualquer outro autor ligado à "literatura de engenho".<sup>6</sup> Este espaço é descrito a partir da saudade, do desejo enorme que se tem de revê-lo, como se isso fosse uma necessidade existencial do sujeito. A saudade seria importante porque combateria o esquecimento, faria a ponte entre passado e presente, traria para mais perto o ausente desejado.

Segundo Paul Ricoeur (2007, p. 423-467), o esquecimento implica na perda da relação não só com o passado, mas com o próprio tempo que passa e com a própria vida, deixando o sujeito meio que sem identidade, desorientado, perdido em um eterno presente. Certamente José Lins angustiava-se diante da possibilidade de um presente sem passado, de uma vida sem saudade, de um tempo sem engenhos. Uma vida sem saudades seria uma vida triste e trágica, posto que sem lembranças e sem recordações dos tempos idos. Advém daí suas viagens rurais, na medida em que estas excursões permitiriam revisitações ao passado, aos dias de antanho. Com isso, tal viagem abriria a possibilidade de vivenciar a saudade do engenho.

José Lins valorizou e cultivou este sentimento de nostalgia, mobilizando-o para fabricar uma dada imagem e escrita do engenho, a qual entendemos, seguindo a esteira de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, como "espaço da saudade". Os sentimentos e as sensibilidades atuam na construção das espacialidades (Arrais, 2006). Na propriedade canavieira revisitada, o viajante paraibano poderia "matar" suas saudades dos banhos de rio, dos animais, do cheiro

---

4 "Uma variedade de enunciados provenientes de diversas áreas de saber, mas que se unificam em torno de uma valorização comum do engenho, que entendem a propriedade açucareira muito além de sua dimensão produtiva. Trata-se de um conjunto de semelhantes, de discursos aparentados entre si. Tal noção tenta cobrir os discursos romanescos, memorialísticos, históricos e sociológicos que circularam nos anos iniciais do século XX e que expressaram uma visão saudosa e idealizada do engenho. Estes discursos acabaram por forjar uma nova identidade para o engenho, espacialidade não mais vista unicamente como um centro de produção açucareira" (Freire, 2015, p. 27).

5 Estas noções sinalizam para determinadas maneiras de ver e dizer um objeto, as quais obedecem a certos conceitos, temas, imagens e valores. Trata-se de categorias estruturantes: "o que se pode concluir é que cada formação histórica vê e faz ver tudo o que pode, em função de suas condições de visibilidade, assim como diz tudo o que pode, em função de suas condições de enunciado" (Deleuze, 1988, p. 68).

6 De acordo com Freire (2015, p. 31) os principais expoentes literários da "literatura de engenho" seriam Joaquim Nabuco, Mario Sette, José Américo de Almeida, Julio Bello, Jorge de Lima, Cícero Dias, Gilberto Freyre e José Lins do Rego.

das árvores e da terra molhada, em suma, poderia reviver memorialisticamente o tempo em que foi um menino de engenho. Em autores como José Lins do Rego, parece haver um desejo pela experiência de sentir saudade, como se houvesse um fetiche por esse sentimento.

A saudade exerceria um fascínio, provocaria um bem-estar, alegraria corações e mentes carentes de passado. Ela seria, então, uma abertura para o passado desejado, uma janela por onde o tempo pretérito escaparia das ruínas e invadiria o tempo presente, trazendo mais vida e ânimo para aquele que contempla o passado não esquecido. Assim, a poética da viagem de regresso ao mundo açucareiro atesta uma espécie de volúpia da saudade, na qual é possível dar vazão a este modo de ser e sentir, tão forte no viajante José Lins do Rego. A viagem de retornância ao engenho, situando-se no presente, percorre o passado, como se a realidade contemplada fosse observada e sentida de trás para frente, de lá para cá, do que foi vivido para o que não se vive mais. Estranha viagem, a de retorno ao banguê, capaz de reverter a lógica moderna habitual do tempo (Hartog, 2014, p. 17-43).

## A pedagogia da viagem

*A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.*

Fernando Pessoa (2006, p. 409-410).

Além do saudosismo referente ao universo da cana, os relatos de retorno ao engenho de José Lins traçaram também uma outra imagem desta espacialidade muito comum na dita "literatura de engenho". Acerca disso, analisemos agora o outro relato de viagem, presente no livro *Gregos e Troianos*, sugestivamente intitulado *Uma viagem sentimental*. Neste texto, o romancista paraibano viajante vislumbrou seu universo pueril a partir de um trem, um dos grandes símbolos do progresso e da modernidade. O relato de viagem foi construído como se o visitante estivesse em movimento, já que tudo era contemplado da janela de um trem:

O trem corria pelo meio dos partidos de cana. As terras de minha infância apareciam do outro lado do rio. Lá estava o Corredor, com o cata-vento, a casa-grande de pilastra, a terra amada de meu avô, matriz dos outros engenhos que saíram de suas várzeas de cana. [...] A minha vida de menino retornava às origens, ao berço ido, às fontes queridas (Rego, 1957, p. 176).

Segundo Hélder Viana (2012, p. 150), em um estudo onde articula técnica e percepção espacial, o trem, atravessando vários lugares e permitindo a locomoção das pessoas e das mercadorias por regiões distantes, encarnaria fortemente a modernidade cinética. Símbolo do progresso e estrutura responsável pela desterritorialização de muitos brasileiros da época de

José Lins, o trem comprovava a primazia da sociedade industrial. Enquanto o engenho ficava na paisagem, mostrando-se cada vez mais distante e pequeno, o trem passava, trafegava rapidamente sobre os trilhos e seguia despreocupadamente seu rumo.

Desde o início do século passado, em quase todas as capitais do Brasil a Great Western e empresas similares de tráfico férreo apresentavam-se na paisagem urbana e rural da sociedade (Sevcenko, 1994). O apito do trem já rivalizava com o sino da igreja, como sendo um dos sons mais conhecidos e familiares para a população brasileira. Assim, o viajante José Lins colocou no seu relato um objeto que simbolizava sua época para contrastar com uma espacialidade que ficava no passado. O trem seria o presente, o futuro, e o engenho seria o passado; um seria o moderno, e outro a tradição.

O trecho destacado mais acima, que lembra muito as cenas dos romances de José Lins,<sup>7</sup> fabricou o engenho como a pátria de origem, como o território primevo, espécie de manancial existencial de onde o indivíduo provém e para o qual sempre é preciso voltar. O engenho seria o berço, o local de formação do indivíduo, de modo que uma viagem para ele seria como que um encontro do viajante com aquilo que lhe nutriu desde a tenra idade. Viagem mais sentimental, pois, não poderia haver.

A imagem do engenho como fonte, já presente pioneiramente no famoso capítulo *Massangana*, do livro *Minha Formação* de Joaquim Nabuco, publicado em 1900, foi agenciada por José Lins também em uma entrevista, publicada em 28 de junho de 1941 no jornal carioca *Dom Casmurro*. Eis abaixo a tessitura discursiva desta “visibilidade” e “dizibilidade”:

O Engenho Corredor foi a minha grande fonte literária. Lembrando-me dele fui escritor, contando a sua história escrevi os meus romances, fiz viver criaturas. Foi a terra que me deu forças para trabalhar em 10 livros e realizar o que nunca imaginei ser possível. [...] Vim da terra, sou da terra e quero continuar da terra. O velho Engenho Corredor continua a me alimentar, a me dar o que minha imaginação carece. O massapé paraibano tem muito que dar (Coutinho; Castro, 1990, p. 53).

Ecoou nas palavras de José Lins a construção discursiva nabuconiano do engenho como uma fonte para a qual se retorna e da qual se retira ensinamentos e matéria-prima para outras criações, sobretudo literárias (Bosi, 2010). No fundo, José Lins na entrevista ora em foco atualizou a visão de Joaquim Nabuco da propriedade canavieira como um agente, como uma entidade que influencia (apontemos que engenho apareceu grifado com um “E” maiúsculo) na

---

7 “E o trem saiu, correndo por entre os canaviaes e os roçados de algodão do meu avô. [...] Lá estava o Santa Rosa com o boeiro branco e a casa grande rodeada de pilares. Os moleques estavam na beira da linha para me ver passar. - Adeus, adeus, adeus! – com as mãos para mim. E eu com o lenço sacudindo. Os olhos se encheram de lágrimas. Cortava-me a alma a saudade do meu engenho. E o trem corria. [...] Todo esse movimento me vencia a saudade dos meus campos, dos meus pastos” (Rego, 1934, 197-198).

vida das pessoas. Nascente de cujas águas José Lins muito bebeu, há como que uma dívida para com o banguê Corredor, o que justificaria as viagens de retorno, as visitas aos engenhos familiares feitas durante toda a sua vida.

Viagens de retorno ao engenho foram praticadas por vários indivíduos que enunciaram discursos ligados a "literatura de engenho". O próprio Joaquim Nabuco, que com seu capítulo *Massangana* representou o discurso fundador desta formação discursiva (Cf. Freire, 2015, p. 159-193), realizou trajetos de regresso ao banguê, quando seu engenho familiar já não mais pertencia aos seus parentes e já estava em processo de ruína (Nabuco, 1900, p. 223). Gilberto Freyre e Cícero Dias, por exemplo, foram outros indivíduos que, mesmo morando na zona urbana e tendo conhecido as principais cidades do mundo, não deixaram de retornar ao engenho familiar.<sup>8</sup> Com o primeiro, aliás, José Lins ampliou suas viagens pelos banguês, conhecendo outras propriedades canavieiras. Em carta de 22 de dezembro de 1923, Gilberto Freyre comentou com Francis Butler Simkins<sup>9</sup> suas primeiras viagens com o amigo paraibano:

Meu querido Francis, acabei de chegar da Paraíba, o Estado ao norte de Pernambuco. Passei um tempo agradável lá – especialmente no interior, onde visitei [ilegível] quatro ou cinco 'engenhos', ou propriedades de cana de açúcar. Deve existir alguma coisa inerente, hereditária, na minha atração pelas propriedades de cana de açúcar, pela vida e pelas maneiras da aristocracia rural do norte do Brasil – embora psicólogos talvez neguem isso como possibilidade científica. A maioria dos engenhos que visitei com meu querido amigo Lins do Rego – Gostaria que você pudesse conhecê-lo – ele tem um senso pitoresco muito aguçado e é excepcionalmente brilhante – Eram antigamente propriedades monásticas. Há muitas reminiscências interessantes daqueles velhos dias (Freyre, 1923).<sup>10</sup>

No momento em que realizavam estas andanças pelos engenhos, tanto Freyre quanto

---

8 No caso de Cícero Dias (2011), seu engenho familiar foi o Jundiá, situado no interior Pernambucano. No final de sua vida, o pintor fez sua última viagem de retorno ao engenho, quando o encontrou aos pedaços.

9 Historiador (1897-1966) estadunidense amigo de Gilberto Freyre dos tempos em que este estava na Columbia University, realizando sua formação acadêmica.

10 Carta de Gilberto Freyre a Francis Butler Simkins, em 22 de dezembro de 1923. Devo gratamente a consulta deste documento a historiadora norte-americana Courtney Campbel. Tradução nossa. No original: "*My dear Francis, I have just arrived from Parahyba, the state north of Pernambuco. I had a delightful time there - specially in the interior, where I visited in [ilegível] four or five "engenhos", or sugar cane estates. There must be something inherited, hereditary, in my attraction toward sugar cane estates, towards the life and the manners of the rural aristocracy of North Brazil - though psychologists perhaps would deny this as a scientific possibility. Most of the engenhos where I visited with my very dear friend Lins do Rego - I wish you could meet him - he has a very acute sense of the picturesque and is exceptionally brilliant - were formerly monastic estates. There are many interesting reminiscences of those old days*".

Lins adotavam uma postura tradicionalista, de valorização do passado, das origens rurais da sociedade brasileira, bandeira erguida, inclusive, por outros intelectuais da época, como Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima (D'Andrea, 2010; Pinto, 2011). O peso e o valor de tais excursões pela espacialidade canavieira foram bem aquilatados por José Lins, prefaciando o livro *Região e Tradição* do estimado amigo pernambucano de viagens pelo engenho:

Depois foi a nossa viagem à Paraíba. E a conferencia que lá proferiu, e o nosso passeio pelos engenhos de meus parentes. Eu mostrando a minha gente e a minha terra, os partidos de cana, os banguês, os tios e as tias, e tudo aquilo lhe parecendo melhor do que eu pensava que fosse. Levei-o com medo de que não se desapontasse e, pelo contrário, gostou muito de tudo (Rego, 1968, p. 26).

Na mesma época em que Gilberto Freyre proferiu a famosa conferência *Apologia pro generatione sua* (05 de abril de 1924), ocorreu também sua viagem com José Lins pelos engenhos da Paraíba. Tal fato deve ter proporcionado a José Lins tempo suficiente para conversar com seu amigo sobre suas ideias expostas no teatro paraibano Santa Rosa. Gilberto Freyre deve ter apontado seu dedo para mostrar a José Lins a necessidade de valorar tudo aquilo que eles estavam vendo, de modo que a paisagem açucareira observada cumprisse um fim pedagógico: "a minha melhor recordação, de mais intensa saudade, é daquela nossa primeira viagem à Paraíba. Nunca vivi dias tão inteligentes" (Rego, 1924). O engenho, com sua casa-grande e senzala, com sua paisagem esverdeada e com seus tipos sociais característicos, deve ter, provavelmente, chamado a atenção de Freyre, já na época um frequentador e valorizador de engenhos de açúcar.

Dos inúmeros locais percorridos por jovens como Gilberto Freyre e José Lins do Rego ao longo de suas juventudes, o engenho surgiu como uma paisagem privilegiada e afetiva, sempre revisitada fisicamente. Segundo os biógrafos do renomado pernambucano, um dos primeiros locais que logo fez questão de rever, quando do seu retorno ao Brasil no início dos anos 1920 após temporada de estudos nos Estados Unidos, foi o engenho São Severino dos Ramos, propriedade de seus familiares e onde passava férias quando criança (Larreta; Guillermo, 2007, p. 219).

Sobre tal espacialidade familiar, confessou o viajante Freyre (1933, p. XLII) já adulto: "o primeiro engenho que conheci e que sempre hei de rever com emoção particular".<sup>11</sup> É conhecida ainda as ambulções de Freyre e de outros jovens pelos engenhos em ruínas de Pernambuco e Alagoas. Pedro Paranhos e Julio Bello, ambos pernambucanos, senhores de

---

11 Na primeira edição de *Casa-Grande & Senzala* (1933) as primeiras páginas estão numeradas em algarismo romano.

engenho e conhecedores do meio rural, foram os principais companheiros de viagens freyreanas pelo universo do massapé, um ciceroneando o outro.

Local de inúmeras de suas viagens, o engenho para o andarilho Gilberto Freyre era tanto um local de conhecimento, espécie de fonte empírica para o estudo do passado patriarcal nacional, como era também uma paisagem afetiva que agradava seus olhos. Ao se deparar com uma casa-grande elevada, Freyre adotava tanto a postura do etnógrafo cientista, com seu bloco de notas a colher informações e dados, quanto a atitude romântica de um jovem que se deparava com um passado significativo, identitário, que lhe dizia respeito, capaz de despertar-lhe saudade.

Diferentemente das tradicionais viagens oitocentistas à natureza brasileira, voltadas mais para fins científicos e artísticos, de catalogação e visualização pictórica da fauna e flora tropicais (Naxara, 2004, p. 139-231), as excursões freyreanas ao engenho possuíam fortemente este caráter subjetivo. Naturalistas como Henry Koster, Auguste de Saint-Hilaire, Von Martius e Von Spix não possuíam nenhum tipo de ligação genealógica e afetiva com a natureza circundante aos engenhos de açúcar, o que fazia com que olhassem tudo a partir de uma racionalidade cartesiana. A viagem, aqui, é mais objetiva, direcionada menos para o sujeito que contempla a paisagem do que para a própria realidade natural. Em Gilberto Freyre e José Lins, contrariamente, a viagem é tanto interior quanto exterior.

Dessa forma, as viagens de retorno ao engenho obedeciam a um duplo propósito, qual seja, uma finalidade intelectual, de estudo, mas também um intento afetivo. Provavelmente, foram com esses propósitos que Gilberto Freyre e José Lins percorreram no ano de 1924 os banguês paraibanos, perscrutando e sentindo em cada casa-grande visitada, em cada canal percorrido, tanto um tema de pesquisa de campo quanto uma página sensível do passado de ambos e da nação brasileira. A viagem ao banguê possibilitava unir história e memória, tradição coletiva e vida individual, sendo igualmente etnográfica e sentimental. Tais *tours* eram alimentados por fins estéticos e intelectuais, saciando interesses contemplativos e científicos.

Podemos pensar que as viagens aos engenhos nordestinos realizadas por José Lins, Gilberto Freyre e tantos outros homens, constituíam-se enquanto experiências de formação, isto é, como momentos em que se formavam subjetividades, urdindo sensibilidades e concepções de mundo. Formação, noção colocada aqui, relaciona-se não com um processo fechado e conclusivo, mas sim com uma experiência aberta, como um devir identitário em constante mudança. Como assinalou o pedagogo espanhol Jorge Larrosa (1996, p. 271),

A ideia de formação não é compreendida teleologicamente, em razão de seu fim, nos termos do estado final que seria o seu ponto culminante. O processo de formação foi pensado mais como uma aventura. A formação é uma viagem

aberta, uma viagem que não pode ser prevista, é uma viagem interior, uma viagem em que se é influenciado por si mesmo.<sup>12</sup>

Viajantes durante a mocidade, período áureo da formação humana e intelectual, José Lins e Gilberto Freyre andaram pela zona da mata nordestina, onde entraram em contato com vestígios materiais de um mundo que dizia respeito às raízes genealógicas de ambos. Ali, em meio aos rios e aos canaviais, em contato com senhores de engenho e cabras da bagaceira, os dois aprenderam e reviveram elementos de uma sociedade banguzeira, treinaram seus olhares para vislumbrar um universo para o qual estavam dedicando apreço e simpatia, além de saudade. Uma vez formado este olhar de viajante, a própria obra intelectual de ambos seria tributária.<sup>13</sup> O mesmo pode ser dito a respeito de seus perfis intelectuais, formados na e com tais viagens de retorno.

O itinerário pelas propriedades açucareiras da zona da mata nordestina proporcionava não só prazer e diversão, como também gerava conhecimento, contribuindo para a formação de dadas subjetividades, conforme já dito. A viagem aos engenhos tinha, assim, um papel pedagógico formativo, na medida em que contribuía para os indivíduos virem a ser aquilo que foram em um determinado momento de suas vidas. Certamente, a postura tradicionalista de José Lins se alimentou dessas excursões sentimentais e intelectuais pelo universo açucareiro nordestino, conforme bem demonstrou César Braga Pinto (2011). Como tradicionalista, o viajante procurava pedaços de um passado regional e nacional, caçava relíquias de um outro tempo, tesouros escondidos da sociedade patriarcal. Mais do que uma geografia física, buscava-se uma sentimental, que tocasse a memória da açúcarocracia.

Indivíduos tradicionalistas como José Lins certamente poderiam repetir as palavras proféticas de Joaquim Nabuco, quando de sua saída do Massangana:

Mês e meio depois da morte de minha madrinha, eu deixava o meu paraíso perdido, mas pertencendo-lhe pra sempre... Foi ali que eu cavei com as minhas pequenas mãos ignorantes esse poço da infância, insondável na sua pequenez, que refresca o deserto da vida e faz d'ele para sempre em certas horas um oásis sedutor (Nabuco, 1900, p. 222-223).

Para os homens que pensaram boa parte de suas obras sob o céu da "literatura de

---

12 Tradução nossa. No original: "*La idea de formación no se entiende teleológicamente, en función de su fin, en los términos del estado final que sería su culminación. El proceso de la formación está pensado más bien como una aventura. La formación es un viaje abierta, un viaje que no puede estar anticipado, y un viaje interior, un viaje en el que uno se deja afectar en lo propio*".

13 Para o caso de Gilberto Freyre, a bibliografia volumosa já tem demonstrado o quanto a viagem enformou as produções freyreanas (Nicolazzi, 2011, p. 273-321). Infelizmente, o mesmo não se pode dizer a respeito de José Lins do Rego, já que, conforme apontado, os relatos de viagem do escritor paraibano ainda não foram devidamente analisados, o que impede de aquilatar o peso da viagem em sua obra literária.

engenho", tais como José Lins do Rego e Gilberto Freyre, o banguê seria uma fonte sacral de alimentação, um manancial com o qual foram saciados e do qual foram, portanto, beneficiados. As viagens de retorno ao engenho seriam, assim, um gesto de gratidão, o cumprimento de uma dívida, como que também a prestação de um culto a uma entidade espacial que muito ajudou nas suas vidas. As viagens ao engenho não deixam, destarte, de ter um certo ar de peregrinação, de visitação a um território sagrado, de retorno ao tempo e ao templo da infância.

## Viagem, história e ficção

*Lá onde se deveria dar o retorno afirma se, ao contrário, temporalidades distintas, um 'não-estar de todo', e a impossibilidade de tais restaurações para um sujeito que se sente estrangeiro.*

Flora Sussekind (2000, p. 36).

Letrados que praticaram regularmente viagens de retorno ao engenho, tais como Joaquim Nabuco, Cícero Dias, Gilberto Freyre, Julio Bello e José Lins do Rego, aparentam ter guardado incomodamente um grande temor quanto ao fim dos engenhos. Eles temiam o desaparecimento dos banguês, tremiam diante da possibilidade de o meio rural brasileiro não possuir mais em sua paisagem as velhas casas-grandes. Um mundo sem engenho, uma paisagem sem bueiros e canaviais aterrorizavam estes descendentes da elite patriarcal. Por isso os *tours* de regresso ao universo açucareiro, sempre que possível fosse, não importando se este estava preservado ou em ruínas.

A viagem de volta ao banguê, inscrita ficcionalmente em um relato, é uma forma de lidar com a imprevisibilidade da história, com a incerteza do amanhã. Para José Lins em especial, nada poderia garantir que seus engenhos familiares continuariam de pé, resguardado das transformações que varriam a sociedade brasileira do século passado. Trabalhar literariamente em deambulações rotineiras ao engenho seria uma espécie de compromisso existencial frente ao caráter voraz do tempo. Contra a história, tem-se a viagem, realizada tanto física quanto poeticamente.

Nesses termos, o viajante, na pior das hipóteses, poderia ficar pelo menos com sua memória da viagem, dos locais percorridos, das paisagens contempladas. Na folha de papel, registrada em tinta, a viagem trabalhada poeticamente viveria sob o abrigo da memória, e assim resguardada da história. Caberia à ficção, portanto, fazer um trabalho de memória da viagem. José Lins, escritor de relatos de viagens, sabia bem disso, entregando-se ardorosamente ao labor literário de reunir suas impressões turísticas, especialmente aquelas ligadas ao meio canavieiro.

O receio do fim dos engenhos viria do mundo moderno, da realidade mesmo em que

se vivia. Joaquim Nabuco, Cícero Dias, Gilberto Freyre, Julio Bello e José Lins foram intelectuais ilustres, pessoas viajadas que conheceram os principais centros urbanos da modernidade. Nesse sentido, como indivíduos cosmopolitas, intuía a capacidade destruidora do passado que a sociedade moderna trazia consigo. A usina que substituí a as engenhocas primitivas, as relações de trabalho capitalistas que findavam com a relação escravo-senhor e as cidades que avançavam em direção ao universo rural, entre outros processos sociais comuns no Brasil do século XX, entoavam uma canção sombria para esses homens de letras ligados ao passado patriarcal.

Sendo assim, as viagens de retorno aos banguês eram oriundas de um medo quanto à história, eram produtos de um receio quanto ao futuro. Os deslocamentos até o engenho, que indivíduos como José Lins realizaram várias vezes, incansavelmente, ocorreram por causa de um sentimento de medo, de dúvida quanto à existência futura das propriedades canavieiras. As viagens ora em foco dirigiam-se aos banguês justamente porque seus viajantes receavam o desaparecimento completo destas relíquias espaciais.

No Brasil dos anos 1920-1940, tempo marcado pela instauração mais efetiva de uma sociedade de modos capitalistas e modernos, não se sabia até quando se poderia encontrar engenhos. Para desespero e agonia dos regionalistas-tradicionalistas, o passado ia ficando para trás, na poeira de um tempo acelerado, sempre rumo ao futuro. Enquanto houvesse engenho, ou simplesmente pedaços dele, cacos de um passado glorioso, caberiam as viagens de retorno, pois "o saudosista sabe que está a ver de perto os últimos suspiros de um mundo que se vai" (Rego, 1952, p. 116).

José Lins do Rego, vivendo as grandes transformações do Brasil das primeiras décadas do século XX, foi um indivíduo que subjetivou uma forte consciência da decadência dos engenhos. Seus romances decadentistas acerca dos banguês alimentaram-se dessa sua consciência, formada histórica e socialmente. *Fogo Morto*, ainda mais que *Banguê*, construiu uma faceta decadentista para o engenho, debruçando-se sobre a vida em uma propriedade arruinada, prestes a sucumbir. Em 1943, quando escreveu seu décimo romance, José Lins não só já tinha visitado vários banguês em ruínas, como já tinha também produzido uma imagem decadente para o engenho.

Mesmo assim, o escritor paraibano, como fez diversas vezes em sua vida, decidiu retornar ao seu tema áureo, e voltou a tecer um discurso decadentista e saudosista para ficcionar as propriedades açucareiras. *Fogo Morto*, viagem explicitamente literária de retorno ao engenho, semelhante às diversas excursões de regresso ao universo da cana-de-açúcar, marca um encontro entre vida e obra, bem como entre história e ficção, memória e imaginação. Para além daquela obra-prima, é possível dizer que praticamente todos os escritos de José Lins do Rego deram-se na conjugação destes termos, aparentemente conflitantes. Sua prosa literária, esparramada por romances, memórias, crônicas e relatos de viagem, tem a ver como uma literatura recursiva, anafórica, que, longe de simplesmente repetir temas, espaços e personagens, aprofunda-os cada vez mais, a cada escrita, a cada viagem de reencontro com o passado açucareiro de sua jornada de vida de escritor-viajante.

A literatura é viagem, tanto quanto a viagem é ficcionalizada, de modo que uma encontra a outra. Não é difícil imaginar um viajante com um bloco de notas, registrando ideias, percepções, cenários, objetos etc., sentindo, conversando e escrevendo sobre tudo isso. De fora para dentro, e vice-versa, o viajante combina inspeção e introspecção, atento tanto ao mundo externo quanto ao seu universo interno. Assim, para José Lins do Rego, letrado que se fez romancista e memorialista, a escrita ficcional não deixou de ser igualmente uma viagem de retorno, rumo ao mundo sonhado, tão mais forte e pulsante quanto fosse possível inscrevê-lo em uma folha de papel, afinal "o escrito (e o lido) não é senão um traço visível e sempre decepcionante de uma aventura que, enfim, se revelou impossível" (Larrosa, 1996, p. 32).

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo; Recife: Cortez; Massangana, 2009.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).

ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Bagaço, 2006.

BOSI, Alfredo. Joaquim Nabuco memorialista. *Estudos avançados*, USP, v. 24, n. 69, 2010.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, Roland. *Michelet*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARDOSO, Sergio. O olhar do viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Ataulo (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

CHAGURI, Mariana. *O romancista e o engenho: José Lins do Rego e o regionalismo nordestino dos anos 1920-1930*. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2009.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela B. (Orgs.). *Fortuna crítica: José Lins do Rego*. Rio de Janeiro;

João Pessoa: Civilização Brasileira; Funesc, 1991.

D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DIAS, Cícero. *Eu vi o mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

EISENBERG, Peter L. *Modernização sem mudança: indústria açucareira em Pernambuco (1840-1910)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Diego José Fernandes. *Contando o passado, tecendo a saúde: a construção simbólica do engenho açucareiro em José Lins do Rego (1919-1943)*. João Pessoa: Ideia, 2015.

FREYRE, Gilberto. *Apologia pro generatione sua*. Parahyba, 5 abr. 1924.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Record, 1968.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GUIMARÃES, G. Tempo histórico como urgência. In: GUIMARÃES, G.; BRUNO, L.; PEREZ, R. *Conversas sobre o Brasil: ensaios de crítica histórica*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

GUSDORF, George. *Le romantisme*. Vol. I: Le savoir romantique. Paris, 1993.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LARRETA, Enrique R.; GUILLERMO, Giucci. *Gilberto Freyre: Uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. Estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes, 1996.

LIRA, José Tavares Correia de. Naufrágio e galanteio: viagem, cultura e cidades em Mário de Andrade e Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n. 57, fev. 2005.

MATOS, Regiane. *O provinciano cosmopolita: redes internacionais de sociabilidade literária e as crônicas de viagem de José Lins do Rego nos anos 1940 e 1950*. 2020. Tese (Doutorado em História Contemporânea do Brasil) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2020.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. São Paulo: Brasiliense USP, 1900.

NAXARA, Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica*. Brasília: Ed. UNB, 2004.

NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de História*. A viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Organização de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIGLIA, Ricardo. *Os diários de Emilio Renzi*. Vol. I: Anos de formação. São Paulo: Todavia, 2017.

PINTO, César. Braga. Ordem e tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 52, p. 13-42, 2011.

PINTO, Júlio Pimentel. Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura. *Revista Tempo*, Niterói (RJ), v. 26, n. 1, jan.-abr. 2020.

REGO, José Lins do. *Bota de sete léguas*. Rio de Janeiro: A Noite, 1951.

REGO, José Lins do. *Gregos e Troianos*. Rio de Janeiro: Bloch, 1957.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934a.

REGO, José Lins do. *Banguê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934b.

REGO, José Lins do. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

REGO, José Lins do. *Meus Verdes Anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

REGO, José Lins do. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

REZENDE, Antonio Paulo. *Ruídos do efêmero: histórias de dentro e de fora*. Recife: Ed. UFPE, 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Thamara. Outros modos de pensar e sonhar: a experiência onírica em Reinhart Koselleck, Ailton Krenak e Davi Kopenawa. *Revista de Teoria da História*, v. 23, p. 156-177, 2020.

SARTRE, Jean Paul. *Que é literatura?* São Paulo: Ática, 2004.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

TRIGO, Luciano. *Engenho e memória: o Nordeste na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. *O ABC de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e o seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. (Orgs.). *História da Vida privada no Brasil*. Vol. 3: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIANA, Hélder. *Técnica, tecnologia e artefato: ensaios de aproximação*. Natal: Ed. UFRN, 2012.